

ESTELAS DISCÓIDES DO MUSEU DE LOULÉ

Mário Varela Gomes ()*

1. INTRODUÇÃO

O Museu Municipal de Arqueologia de Loulé, recentemente inaugurado, possui e tem exposta ao público, em uma das suas salas, pequena colecção de monumentos funerários medievais conhecidos, em geral, como estelas discóides. Trata-se, mais propriamente, de seis fragmentos de monólitos, talhados em calcário local, apresentando diferentes estados de conservação, encontrados reutilizados, como material de construção, em diferentes pontos da igreja de S. Clemente, a matriz de Loulé, a cuja necrópole medieval, situada no exterior daquele templo, devem ser atribuídos.

Apesar das informações do reverendo Pe. Cabanita, a quem aqui publicamente agradecemos, não conseguimos obter dados pormenorizados sobre as condições de achado de cada uma das estelas agora dadas, pela primeira vez, a conhecer. Contudo, segundo a amável comunicação do pároco referido, elas terão surgido aquando de obras efectuadas, em 1971, naquele templo, sendo, depois, por ele enviadas para a alcaidaria do castelo de Loulé. Ali chegámos a observar algumas delas expostas, segundo organização concebida pela Dr.^a Isilda Pires Martins, então vereadora do pelouro da cultura do município.

Na igreja de S. Clemente conservam-se, pelo menos, três outros monumentos do mesmo tipo, dois deles encastrados nos paramentos das paredes da nave principal e um outro no chão da capela de Nossa Senhora do Carmo. Podemos, pois, contabilizar, pelo menos, nove estelas discóides em

(*) Da Academia Portuguesa da História

Loulé, conhecendo-se no resto do Algarve quatro de Silves, que recentemente estudámos (Gomes, 1995), nove no Museu Regional de Lagos, publicadas por Abel Viana (1949, 47, 75, 77), quatro de Faro, duas delas exumadas em 1940 no Largo da Sé (Franco, 1940), cinco de S. Brás de Alportel, que guarda o Museu de Vilamoura, e uma conservada no cemitério de Porches. Contudo, as pouco mais de três dezenas de estelas discóides por ora recenseadas no Algarve, contrastam muito com a cerca de centena e meia detectadas no vizinho distrito de Beja e, ainda mais, com as duas centenas e meia inventariadas no de Lisboa.

2. CATÁLOGO

A ordem a seguir apresentada respeita a numeração dada aos monumentos quando da sua inventariação no Museu Municipal de Arqueologia de Loulé.

2.1. Estela 1 (316). Fragmento, contendo o volume da extremidade distal do monumento, talhado em calcário, de cor cinzenta clara. Mede 0.368m de diâmetro e 0.104m de espessura média (fig. 1).

O anverso mostra, em falso-relevo, uma cruz grega, com os lados dos braços e as extremidades curvilíneas, integrada numa cartela gravada. Esta tem 0.024m de largura. Ao centro da cruz observa-se um ponto que terá servido para ordenar a decoração desta face do monólito.

O reverso exhibe, gravada, com secção em V e 0.005m de profundidade, uma representação de flor-de-lis. Também se observa, ao centro, um ponto, possivelmente com utilização idêntica ao que referimos na face oposta.

Ambas faces apresentam sinais evidentes de bojardagem moderna.

2.2. Estela 2 (317) Fragmento, contendo parte do volume da extremidade distal do monumento, talhado em calcário, de cor cinzenta clara. Mede 0.336m de diâmetro e 0.104m de espessura média (fig. 1).

O anverso mostra, em falso-relevo, uma cruz grega, com os lados dos braços e as extremidades curvilíneas, recortada em bisel e integrada em cartela gravada. Esta tem 0.024m de largura.

O reverso exhibe, em falso-relevo, uma cruz grega, com os lados dos braços e as extremidades curvilíneas, recortada em bisel e integrada em cartela, sendo muito semelhante à da face contrária. A cartela mede 0.024m de largura. Ao centro da cruz observa-se um ponto que terá servido para ordenar a decoração desta face do monólito.

Ambas faces apresentam sinais evidentes de bojardagem moderna, mostrando o anverso grandes zonas fissuradas e estaladas.

2.3. Estela 3 (318). Fragmento, contendo parte do volume da extremidade distal do monumento, talhado em calcário, de cor amarelada. Mede 0.256m de diâmetro e 0.088m de espessura média (fig. 1).

O anverso mostra, em falso-relevo, uma cruz grega, com os lados dos braços e as extremidades curvilíneas, cortada em bisel. Ao centro da cruz observa-se um ponto que terá servido para ordenar a decoração desta face do monólito.

O reverso exhibe, em falso-relevo, uma cruz grega, com os lados dos braços e as extremidades curvilíneas, cortada em bisel, muito semelhante à da face contrária.

Oferece, ainda, um ponto central e um traço que terão servido para ordenar a sua decoração.

Ambas faces apresentam sinais de bojardagem, mostrando zonas fracturadas.

2.4. Estela 4 (319). Fragmento, contendo parte do volume da extremidade distal do monumento, talhado em calcário, de cor cinzenta clara. Mede 0.336m de diâmetro e 0.120m de espessura média (fig. 2).

O anverso mostra, em falso-relevo, uma cruz grega, com os lados dos braços e as extremidades curvilíneas, cortada em bisel e integrada numa cartela gravada. Esta tem 0.024m de largura. Ao centro da cruz observa-se um ponto, que terá servido para ordenar a decoração desta face do monólito.

O reverso exhibe, gravadas, três linhas, duas delas perpendiculares entre si e a terceira semicircular e adossada a uma das outras, assim como um ponto central, que terá tido a função de ordenar o espaço decorado.

Ambas faces apresentam sinais evidentes de bojardagem moderna, mostrando, ainda, grandes zonas fissuradas e estaladas.

2.5. Estela 5 (320). Fragmento, contendo parte do volume da extremidade distal do monumento, talhado em calcário, de cor cinzenta clara. Mede 0.352m de diâmetro e 0.088m de espessura média (fig. 2).

O anverso mostra, em falso-relevo, uma cruz grega, com os lados dos braços e as extremidades curvilíneas, cortada em bisel e integrada numa cartela gravada. Esta mede 0.024m de largura. Ao centro da cruz observa-se um ponto, ordenador do espaço, e quatro linhas gravadas, formando quadrado, que unem os vértices dos braços.

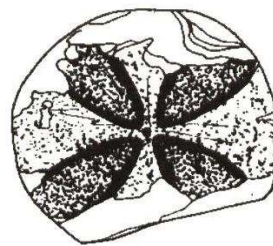
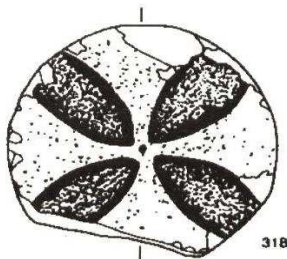
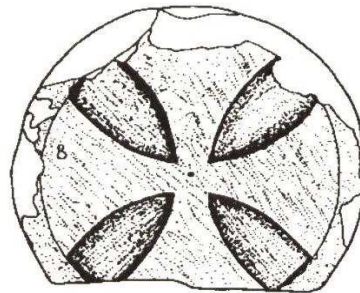
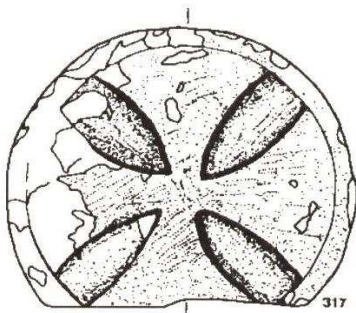
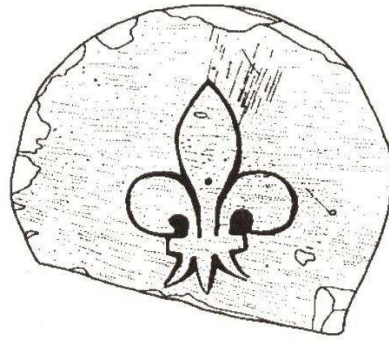
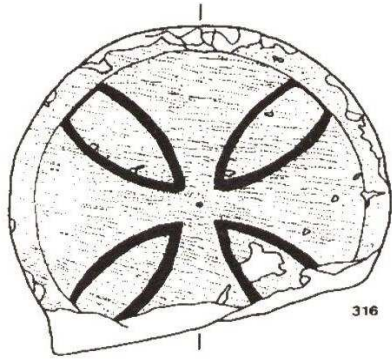


Fig. 1. Estelas discóides de S. Clemente, Loulé (seg. M. V. Gomes).

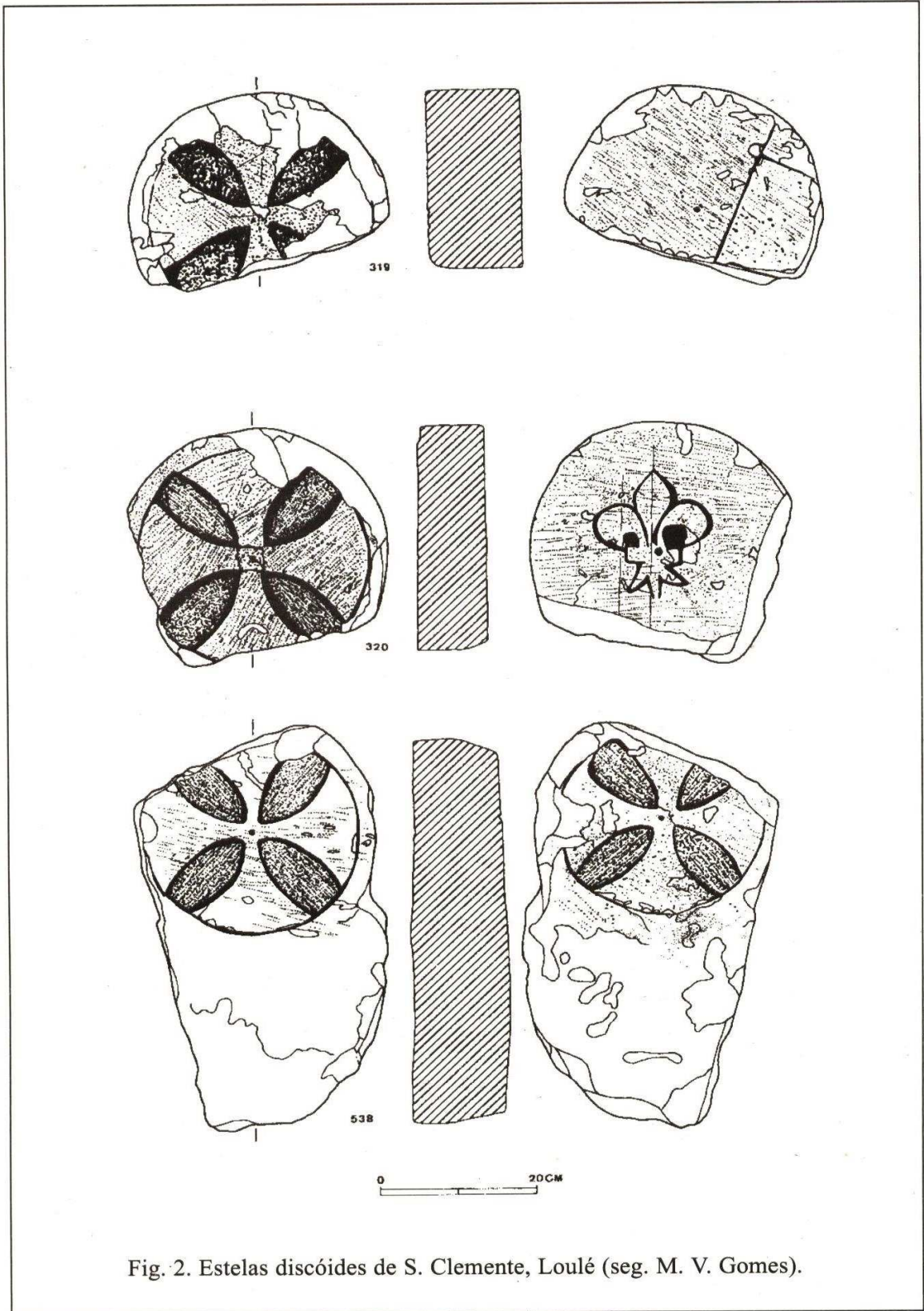


Fig. 2. Estelas discóides de S. Clemente, Loulé (seg. M. V. Gomes).

O reverso exhibe, gravada, com 0.005m de profundidade, a representação de uma flor-de-lis, assim como um ponto e duas finas linhas incisivas que terão servido para ordenar o espaço.

Ambas faces apresentam sinais evidentes de bojardagem moderna, mostrando, ainda, algumas zonas estaladas.

2.6. Estela 6 (538). Monumento a que apenas falta pequena parte dos volumes distal e proximal, talhado em calcário, de cor amarelada. Mede 0.560m de altura total, 0.320m de largura máxima e 0.120m de espessura média (fig. 2).

O anverso mostra, na extremidade distal, em falso-relevo, uma cruz grega, com os lados dos braços e as extremidades curvilíneas, cortada em bisel e integrada em cartela gravada. Esta mede 0.024m de largura. Ao centro da cruz observa-se um ponto, ordenador do espaço decorado.

O reverso exhibe, também em falso-relevo, uma cruz grega idêntica à da face oposta. A cartela onde se integra, gravada, mede, igualmente, 0.024m de largura. Ao centro observa-se, ainda, um ponto ordenador do espaço.

Ambas faces apresentam sinais evidentes de bojardagem moderna, mostrando fissuras e estalamentos.

3. SUPORTE E ICONOGRAFIA

Os monumentos anteriormente descritos oferecem grande unidade formal e decorativa. Todos eles foram talhados em calcário local, de cor amarelada ou cinzenta, típico do Barrocal Algarvio, sendo aquele último mais rijo. Ainda hoje são bem conhecidas as pedreiras da zona de Santa Bárbara de Nexe, não longe de Loulé.

O monólito que se conserva quase completo, assim como os fragmentos dos restantes, mostram a forma característica das estelas discóides, com corpo de perfil circular, assente em pé, ou base, paralelepípedica, que alguns autores consideram antropomórfica e outros de inspiração solar.

Importa assinalar que uma das estelas, a descrita em terceiro lugar (318), oferece dimensões, diâmetro e espessura, bem menor que as restantes. Aliás, esta é, também, a única onde as cruces de lados e extremidades curvilíneas, que decoram ambas faces, não se encontram integradas em cartelas circulares, delimitadas por linha incisiva.

Dois monumentos, as estelas 317 e 538, exibem decoração semelhante, tanto no anverso como no reverso, enquanto que dois outros, as estelas 316 e 320, mostram, no reverso, figurações de flores-de-lis.

Por fim, a estela 319, conserva, no reverso, restos de motivo indeterminado.

Todas as cruzes apresentam recorte em bisel, com cerca de 0.005m de profundidade tendo-se rebaixado as áreas entre os braços, daí a denominação de falso-relevo. É excepção a estela 316, dado que não revela aquele rebaixamento mas, apenas, a gravação, com secção em V e lados com inclinações desiguais, que define a cruz.

As gravuras que enformam as cartelas circulares foram, todas elas, incisas com traço fino.

As duas flores-de-lis mostram gravação profunda, com secção em V, sendo o elemento central maior na estela 316.

A forma das cruzes das estelas de Loulé é muito recorrente, tendo sido descrita no catálogo elaborado por J. Beleza Moreira (1984, 322, 334) sob os números 5 a 12.

De igual modo, também não é rara a utilização da flor-de-lis em estelas deste tipo, tendo sido assinalada em monumentos da França (Aude, Alto-Garonne, Languedoc-Roussillon e Midi-Pyrénées) (Aussibal, 1990, 80, 87, 88, 94, 95; Vialaret, 1990, 75, 76), da Catalunha (Menchón, 1993, 67; 1994, 571) e de outros pontos da Península Ibérica. Alguns exemplares procedem do mosteiro cisterciense de Las Huelgas, em Burgos, onde a flor-de-lis surge isolada ou em conjuntos integrados num escudo, com claro carácter heráldico em monumentos atribuídos aos séculos XIII e XIV (Casa-Martinez, Domènech e Menchón, 1994, 197, 199, 208, 211).

A flor-de-lis branca é um antigo símbolo da pureza celeste, de inocência e de virgindade, mas também emblema de regeneração, de prosperidade e de poder, conforme era entendido no mundo grego-romano e, por isso, parece ter sido escolhida como elemento heráldico dos reis de França (fig. 3).

Símbolo feminino e do amor, por excelência, foi associado à Virgem Maria, surgindo, sobretudo na Europa e a partir do século XI, com a sua crescente devoção. São Luís, rei de França, colocou, em 1237, o seu reino sob a protecção de Nossa Senhora e, tanto com a influência cluniacense, como cisterciense, desenvolveu-se a teologia marial e o culto à *Regina Coeli*, à qual todas as abadias eram dedicadas, sendo padroeira de muitos templos. Neste sentido, as estelas com imagens de flor-de-lis parecem querer mostrar a protecção dos defuntos por Maria (Aussibal, 1994, 497-500).

Segundo alguns autores, a flor-de-lis simbolizaria, ainda, a unidade transcendental, onde a pétala maior e central representaria Cristo entre as duas outras que figurariam o Pai e o Espírito Santo.

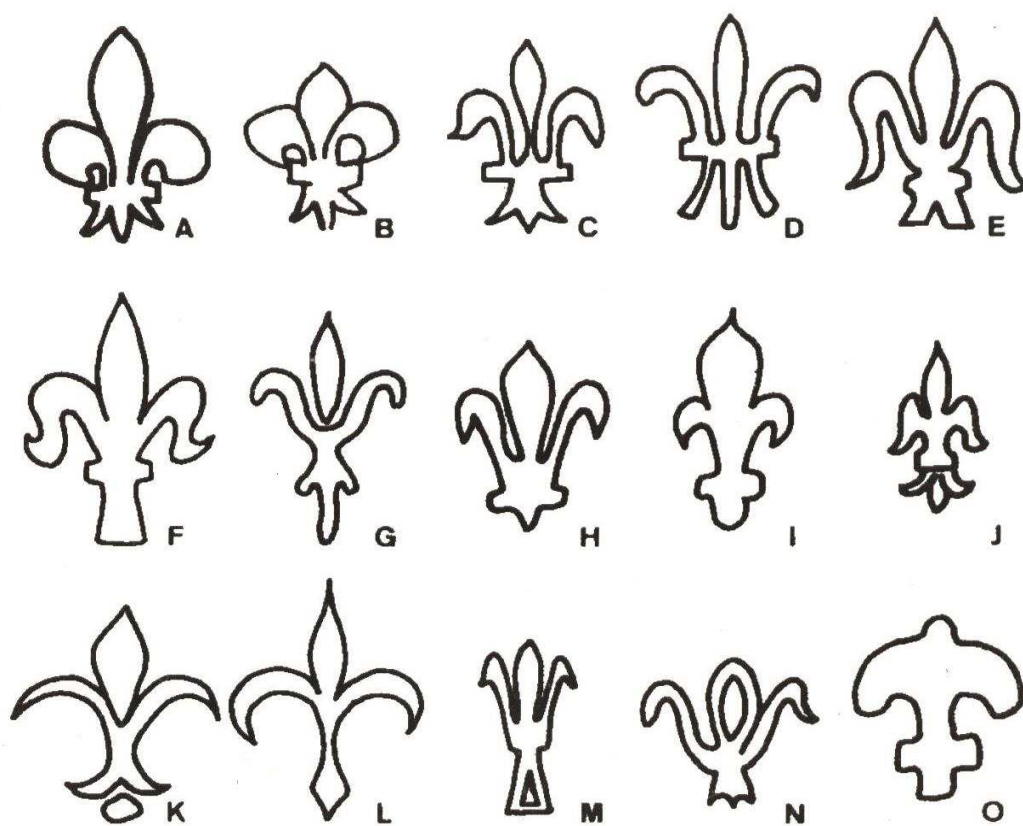


Fig. 3. Flores-de-lis das estelas discóides de Loulé e em estelas discóides francesas (A e B seg. M. V. Gomes, C-O, seg. R. Aussibal, 1990, 500).

Uma das estelas conservadas na igreja de S. Clemente mostra, na face aparente, a cruz de seis braços, ou de David, e as restantes cruces gregas com os lados dos braços e as extremidades curvilíneas.

4. INTEGRAÇÃO CULTURAL

Julgamos interessante, desde já, notar o facto de nenhuma das estelas agora publicadas evidenciar a ocupação profissional dos indivíduos cujas sepulturas demarcavam, exibindo instrumentos de ofício.

Trabalhos ainda recentes, em Silves (Cunha, Gomes, Gomes e Moura, 1994; Gomes, 1995) e Montemor-o-Novo (Gonçalves, 1993), permitiram reconstituir a localização das estelas assinalando a cabeceira de sepulturas, em fossa, escavadas no solo, situadas no exterior de templos. Elas situavam-se *ad impluvium*, ou seja ritualmente dispostas sob as águas que corriam pelos telhados das igrejas e sob a protecção das quais se edificavam, constituindo, por vezes, vastas necrópoles.

Os pequenos cemitérios medievais eram espaços verdes e públicos, não raro plantados com árvores odoríferas e belas, como o loureiro e o cipreste ou, até árvores de fruta, simbolizando o renascimento e a imortalidade e, por isso, psicopompas. Santo Isidoro de Sevilha (560-636) refere o teixo, como capaz de produzir "*sombra mortal para aqueles que nela dormem*". Estes pomares representariam o paraíso terrestre e deveriam constituir verdadeiros "jardins das delícias" (Alexandre-Bidon, 1993, 110-112).

As sepulturas construíam-se, em geral, orientadas no sentido nascente-poente, cobertas por pequeno *tumulus*, de pedras e terra, ou apenas demarcadas as suas cabeceiras por estelas discóides, como se encontra patente em uma iluminura das *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X (CLXIV, 4), do século XIII (Casa-Martinez, 1990, 127, 130).

Os corpos seriam depositados, conforme foi possível reconhecer na necrópole da Sé de Silves, envoltos nas mortalhas, com a cabeça voltada para poente e os pés para Oriente, como acontecia, sobretudo a partir do século XI com as igrejas de Cristo, voltadas para nascente e para o futuro. Este aspecto ritual, em que o cadáver deveria olhar o Céu, conotado com o movimento solar e com a ideia do seu renascimento diário, parece ser de origem pagã ou germânica, pelo que também tem, com frequência, sido detectado em necrópoles tardo-romanas e visigóticas.

Os paralelos referidos, com a necrópole da Sé de Silves, onde um esqueleto, a que se associava estela discóide guardava moeda de D. Afonso III, foi

datado pelo radiocarbono (ICEN-1163) na segunda metade do século XIII, permitem aceitar idêntica cronologia para os monumentos funerários de Loulé, por certo pertencentes à necrópole da igreja de S. Clemente. Esta terá sido, de facto, formada na segunda metade daquela centúria, junto do templo, cujas origens são atribuídas àquela mesma época e talvez ocupando o local onde se erguia a mesquita maior de *al-Ulyã*, conforme parece sugerir a sua torre sineira, que diferentes historiadores têm atribuído ao período almoadá. Do mesmo modo, a Sé de Silves ocupa, segundo a tradição e alguns dados arqueológicos, o espaço onde se ergueu a mesquita da antiga *Xelb*, mandada consagrar aquando da conquista cristã de 1189, também ela construída no espaço que fora ocupado por um templo romano de que o Museu Municipal de Arqueologia daquela cidade guarda enorme capitel de mármore. Recordemos, ainda, que Loulé era, ao tempo da conquista definitiva do Algarve, no reinado de D. Afonso III, significativo aglomerado urbano que mereceu foral outorgado por aquele monarca em 1266.

Apesar da proximidade geográfica o núcleo de estelas discóides de Silves é bem diferente do de Loulé, dado que ali foi utilizado o grés vermelho como matéria-prima e nenhuma das decorações patentes naqueles monólitos, onde se reconhecem as ocupações profissionais de lavrador e sapateiro, se encontrou nos monumentos de Loulé (fig. 4).

No Alto-Alentejo, escavações no castelo de Montemor-o-Novo, junto à igreja de S. Tiago, levaram à descoberta de extensa necrópole, atribuída aos séculos XIII-XIV, contendo inumações em fossa, abertas no substrato rochoso, orientadas no sentido nascente-poente, a algumas das quais se associavam estelas, de mármore ou granito. Ali se identificaram sete exemplares, decorados com cruces de braços curvilíneos, sendo três deles discóides e os restantes rectangulares (Gonçalves, 1993, 9, 10). Guarda estelas idênticas o Museu de Arqueologia daquela cidade, algumas das quais Gabriel Pereira (1887, 130, 131), observou a pavimentar um anexo da alcaidaria, no interior do Castelo.

Note-se, a propósito da pervivência da utilização daqueles monumentos, que no século XIV os enterramentos passaram, preferentemente, a processarem-se no interior dos templos, para nos inícios da centúria seguinte, ser prática normal, apesar de se terem realizado inumações nas igrejas durante toda a Baixa Idade Média, particularmente de dignatários religiosos ou de laicos com elevado prestígio social.

Futuras investigações arqueológicas, na igreja de S. Clemente e no seu espaço envolvente oferecerão, certamente, importantes dados históricos, de carácter sócio-religioso, económico e técnico, do mal conhecido período de

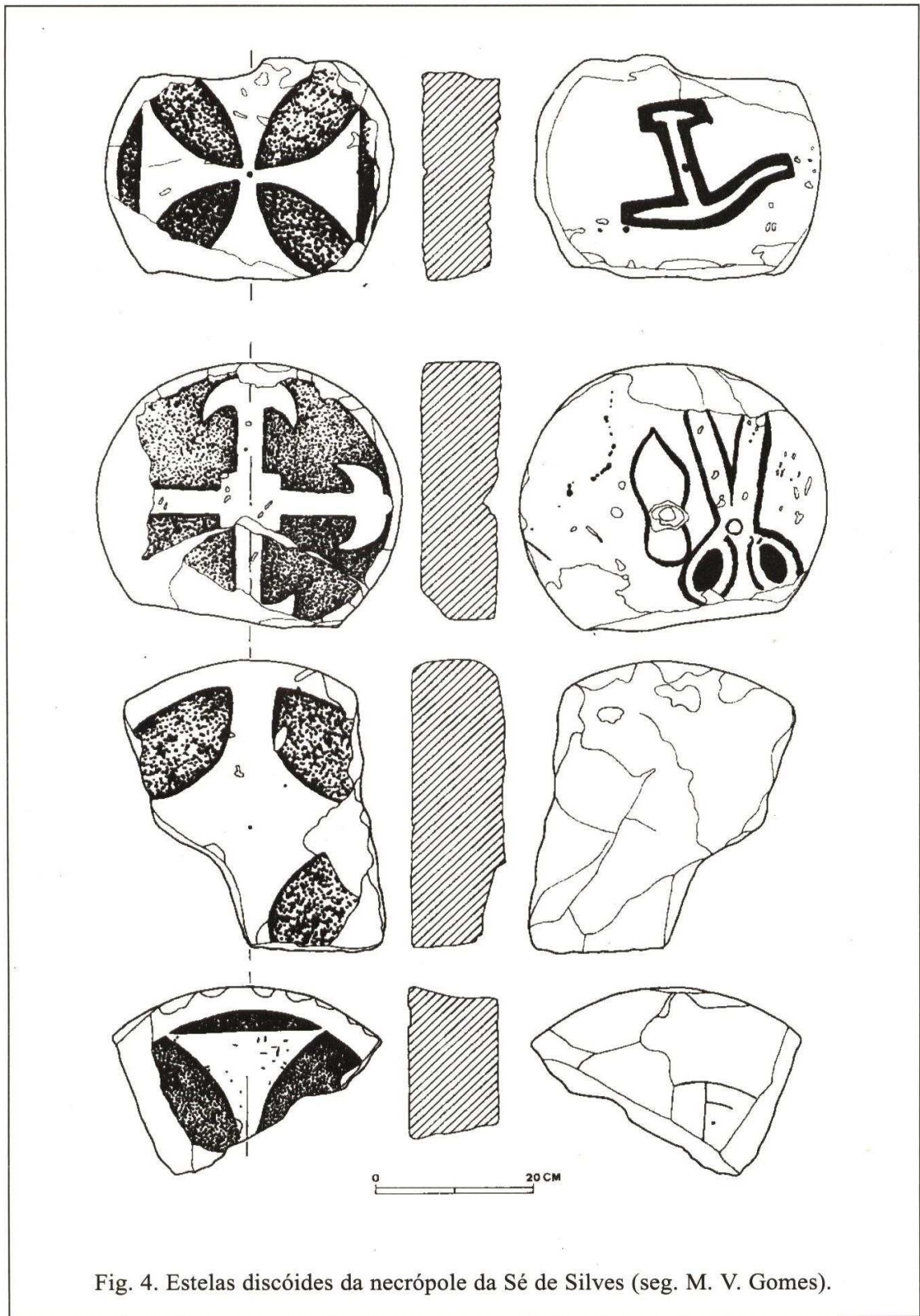


Fig. 4. Estelas discóides da necrópole da Sé de Silves (seg. M. V. Gomes).

transição entre os últimos tempos da administração muçulmana e os alvares da implantação cristã.

BIBLIOGRAFIA

- Alexandre-Bidon, D., 1993, La mort en son jardin, *A Réveiller les Morts. La mort au Quotidien dans l'Occident Médiéval*, pp. 109-120, Presses Universitaires de Lyon, Lyon.
- Aussibal, R., 1990, Nouvelles découvertes de stèles em Languedoc-Roussillon et Midi-Pyrénées, *Signalisations de Sépultures et Stèles Discoidales, Ve-XIXe Siècles*, pp. 77-101, Centre d'Archéologie Médiévale du Languedoc, Carcassonne.
- 1994, Le symbolisme marial des stèles discoidales, *Actas del IV Congreso Internacional sobre la Estela Funeraria*, pp. 493-514, Donostia.
- Casa-Martinez, C. de la, 1990, Fonction des stèles d'après les données archéologiques, *Signalisations de Sépultures et Stèles Discoidales, Ve-XIXe Siècles*, pp. 125-131, Centre d'Archéologie Médiévale du Languedoc, Carcassonne.
- Casa-Martinez, C. de la, Domènech, M., e Menchón J., 1994, Estelas medievales del monasterio cisterciense de Las Huelgas de Burgos, *Actas del IV Congreso Internacional sobre la Estela Funeraria*, pp. 193-213, Donostia.
- Cunha, A. S., Gomes, R. V., Gomes, M. V., e Moura, M. da G. S. de, 1994, A sepultura 1 da necrópole da Sé de Silves (Algarve, Portugal). Ritual e patologias, *IIº Congreso de Paleopatologia*, Valência (no prelo).
- Franco, M. L., 1940, Duas pedras medievais, *O Algarve*, nº 1692, p. 1.
- Gomes, M. V., 1995, Estelas discóides de Silves, iconografia e contexto cultural, *Homenagem ao Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão*, Academia Portuguesa da História (no prelo).
- Gonçalves, A., 1993, Novos dados sobre a vila antiga de Montemor-o-Novo. Resultado dos trabalhos de 1992-1993, *Almansi*, vol. 11, pp. 5-27.
- Menchón, J., 1993, Aspectes metodològics i terminològics al voltant de l'estela discoidal, *Les Esteles Discoidals dels Països Catalans, Estat de la Qüestió*, pp. 51-75, Carrutxa, Reus.
- 1994, Algunas cuestiones metodológicas en el estudio de las estelas de los "Països Catalans", *Actas del IV Congreso Internacional sobre la Estela Funeraria*, pp. 553-575, Donostia.

- Moreira, J. B., 1984, Typologie des stèles discoidales du Portugal, *Hil Harriak, Actes du Colloque International sur la Stèle Discoidale*, pp. 319-345, Musée Basque, Bayonne.
- Pereira, G., 1887, Antiguidades de Montemor-o-Novo, *Revista Archeologica e Historica*, vol. I, pp. 129-133.
- Vialaret, R., 1990, Découvertes récentes de discoidales à la limite de l'Aude et de la Haute-Garonne, *Signalisations de Sépultures et Stèles Discoidales, Ve-XIXe Siècles*, pp. 71-76, Centre d'Archéologie Médiévale du Languedoc, Carcassonne.
- Viana, A., 1949, Estelas discóides do Museu de Beja, *Arquivo de Beja*, vol. VI, pp. 37-85.